

Poema à Virgem, insigne preto mariano do Apóstolo do Brasil

Uma importante obra literária de nossa História — cuja edição original foi impressa nas brancas areias do País nascente — revela a acendrada devoção marial de Anchieta sob risco iminente de martírio

Geraldo Martins



A origem do Poema à Virgem está ligada a um dos mais heróicos episódios de nossa História. Nele transparecem admiravelmente reunidos o espírito de Fé, a confiança na Providência, a fortaleza de alma e o fino tato diplomático do Beato José de Anchieta, esse admirável homem de Deus.

Com efeito, o núcleo de indígenas, já católicos, por ele evangelizados em São Vicente, encontrava-se ameaçado de extinção pelos incessantes ataques da feroz tribo dos tamoios do Rio, que "levando continuamente como escravos, mulheres e filhos dos cristãos, matava-os e comia-os", conforme relata o próprio Pe. Anchieta em carta ao Geral da Companhia de Jesus, Pe. Lainez, em janeiro de 1565 (cfr. *Cartas do B. Anchieta*, Anais da Biblioteca Nacional, vol. II, p. 78, apud *O Poema da Virgem*, versão do Pe. A. Cardoso, SJ, Paulinas, SP, 1958, 4^a ed.).

Movido pelo ardente zelo apostólico que o imortalizou, quis Anchieta pôr um fim a estas contendas, e prosseguir, em grande estilo, seu trabalho de evangelização. Para alcançar sua meta, durante as conversações de paz, lançou-se heroicamente como refém dos tamoios, na aldeia de Iperoig (atual Ubatuba-SP), onde conviveu com o espectro da morte. Permaneceu entre os silvícolas de maio a setembro de 1563.

Inicialmente, teve por companheiros o valoroso Pe. Nóbrega e um fiel servidor. Após o retorno de Nóbrega a São Vicente, para dirigir as negociações de paz, o outro companheiro foi morto e comido pelos Índios, em presença de Anchieta.

Sozinho em meio à ferocidade e o despudor dos selvagens, cercado

de riscos por todos os lados, a todos os instantes, esse herói da Fé escreveu uma obra-prima em versos, para ocupar a imaginação com elevadas cogitações, atrair a proteção da Imaculada para sua castidade exposta a risco, e preparar-se para o martírio, como está expressamente dito nos últimos versos de seu cântico.

A lascívia dos índios via-se de tal modo contundida pela ilibada pureza deste varão íntegro, que por diversas vezes ofereceram-lhe suas filhas e mulheres. Mas o homem de Deus impôs-lhes o respeito, de tal maneira que chegou a exigir que não se aproximassem de sua tenda! E foi atendido (op. cit, pp 84-85).

Impresso nas areias e na memória

Sua única distração era passear nas alvas areias da praia, onde com seu tosco bordão pôs-se a traçar, como que em largos vôos de gaivota, os louvores da Virgem Mãe de Deus, ditados pela abundante devoção que ardia como acesa fornalha em seu marial coração.

Naquela continuada disputa com as ondas do mar, que iam apagando seus versos, tão logo se imprimiam na lousa branca das areias, exercitava também sua agilidade de espírito para os combates nos quais estava engajado.

Sua privilegiada inteligência e prodigiosa memória venceram por fim a destreza das ondas. Enquanto uma produzia tão encantadores versos, a outra os guardava para a edificação das gerações futuras.

O Poema



A título de amostragem, oferecemos abaixo trechos do célebre Poema à Virgem, de mais de 5700 versos, composto em latim clássico. Começamos pelo oferecimento, cuja sublime clave perpassa de início a fim toda a peça literária:

"Cantar ou calar? Mãe Santíssima de Jesus, os teus louvores hei de os cantar, ou hei de os calar?"

A mente alvoroçada sente-se impelida pelo aguilhão do amor a oferecer à sua rainha uns versos. Como ousará mundana língua enaltecer a que encerrou no seio o Onipotente ?"

Séculos antes da definição dogmática da Imaculada Conceição, o grande Anchieta, nas areias da Terra de Santa Cruz, tendo como testemunhas apenas os anjos de Deus e os inquietantes olhares dos

ferozes índios, assim se exprimia:

"Concebida em seio materno, como todos nós, Só tu, ó Virgem, fostes livre do labéu que mancha os outros todos, e esmagas ao calcanhar a cabeça do enroscado dragão, retendo sob as plantas sua fronte humilhada.

Toda bela de alvura e luz não houve sombra em ti, doce noiva de Deus!"

Assumido pelo mesmo fogo de seu Pai espiritual e Fundador da Companhia de Jesus, Inácio de Loiola, José de Anchieta investe como um raio contra a insolência de Calvino, que atacou a virgindade perpétua da Rainha do Céu:

"Com negro coração roído pela lepra, te atiras setas envenenadas em fel de víbora, Monstro, por que te inchas, com a inveja da antiga serpente? Por que róis com loucos dentes a beleza da Virgem Mãe? Ousaste, venenosa cobra, tocar com essa tua maldita língua, o leito alvíssimo do eterno Deus?"

O poema termina num brado de amor à Virgem, no desejo ardente do martírio e em nobilíssimo sentimento de humildade:

"Eis os versos que outrora, ó Mãe Santíssima, te prometi em voto, vendo-me cercado de feróis inimigos. Enquanto entre os tamoios conjurados pobre refém, tratava as suspiradas pazes, tua graça me acolheu em teu materno manto, e teu véu me velou intactos corpo e alma.

À inspiração do céu, eu muitas vezes desejei penar, e cruelmente em duros ferros expirar. Mas sofreram merecida repulsa meus desejos! Só a heróis compete tanta glória!"

* * *

Peçamos confiantes que, a rogos deste incomparável herói, a Senhora da Conceição Aparecida nos obtenha, na atual encruzilhada histórica por que passa a Nação, graças extraordinárias para que de fato nosso País seja a *Terra de Santa Cruz*, com a qual sonharam seus Fundadores. E cujo futuro grandioso foi pelo mesmo Beato José de Anchieta profetizado no *De Gestis Mendi de Sá* (A Gesta de Mem de Sá), poema composto em mais de 3000 versos latinos -- a primeira obra redigida em nossa Pátria --, editado em Coimbra no mesmo ano em que o Apóstolo do Brasil cantava as glórias da Virgem Imaculada, nas alvas areias de Iperoig.